

# Narrativas de estudantes da Amazônia sobre proteção ambiental: entre lendas e encantos

## RESUMO

**Vandressa Caldas Amorim**[vandressaamorim@outlook.com](mailto:vandressaamorim@outlook.com)[orcid.org/0000-0002-0366-1934](https://orcid.org/0000-0002-0366-1934)

Secretaria de Estado de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA), Cametá, Pará, Brasil.

**Rodrigo Almeida Pacheco**[rpacheco492@gmail.com](mailto:rpacheco492@gmail.com)[orcid.org/0000-0001-8283-7370](https://orcid.org/0000-0001-8283-7370)

Secretaria de Estado de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA), Cametá, Pará, Brasil.

**Luely Oliveira da Silva**[luely.silva@uepa.com](mailto:luely.silva@uepa.com)[orcid.org/0000-0002-5544-7438](https://orcid.org/0000-0002-5544-7438)

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil.

**Valéria Caldas Amorim**[valy.amorim@gmail.com](mailto:valy.amorim@gmail.com)[orcid.org/0009-0006-7853-2711](https://orcid.org/0009-0006-7853-2711)

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Cametá, Pará, Brasil.

O estudo exposto buscou investigar como a narrativa de lendas amazônicas podem promover a sensibilização ambiental, promovendo a valorização dos saberes locais e incentivando a adoção de práticas sustentáveis. Metodologicamente, a pesquisa ocorreu em uma escola de ensino médio do município de Cametá-PA e consistiu em uma abordagem qualitativa por meio de um questionário com uma pergunta norteadora aos educandos na elaboração de seus contos. Dessa forma, os resultados das análises foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2006), sendo expressos por meio de uma metáfora. Conclui-se que ao abordar a questão ambiental com os alunos por meio dos contos que eles criaram se mostra como um método de ensino inovador e de uma estratégia pedagógica capaz de promover o resgate cultural, a conexão e o pertencimento com o seu território e o desenvolvimento de habilidades científicas e criativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade Cultural. Sustentabilidade. Proteção Ambiental.

## INTRODUÇÃO

Considerando o contexto educacional, o Documento Curricular do Estado do Pará (DCEPA) busca alinhar suas demandas com os desafios do intitulado “Novo Ensino Médio” (Lei nº 13.415/2017), utilizando como princípio teórico o Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC). Nesse sentido, apresenta uma proposta voltada para a formação de estudantes paraenses, para que fosse viável:

[...] encontrar caminhos possíveis para se propor um ensino médio compatível com a realidade do Estado do Pará, sobretudo, dos seus sujeitos que fazem e se refazem todos os dias no cotidiano das escolas paraenses, nas múltiplas Amazôniaas que formam nosso território (PARÁ, 2021, p. 21).

No que concerne a essas demandas, urge o Programa Itinerários Amazônicos como uma proposta customizável às arquiteturas curriculares desse Ensino Médio. Desse modo, associa temáticas amazônicas às especificidades de diversas áreas, dentre elas as Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Assim, as unidades curriculares apresentam sugestões de atividades e metodologias que auxiliam no planejamento das aulas, combinando saberes amazônicos com as competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa iniciativa pertence ao Instituto Iungo, Reúna e da rede Uma Concertação pela Amazônia, em parceria do BNDES, do Fundo de Sustentabilidade Hydro, do Instituto Arapyaú, do Movimento Bem Maior, além da Vale.

Diante disso, seu módulo “Um olhar para as tradições e as potencialidades amazônicas” apresenta um escopo de abordagens acerca dos arranjos produtivos existentes na Amazônia e discute os problemas dos modelos de desenvolvimento na região e a necessidade de um novo modelo baseado na sustentabilidade ambiental (ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS, 2023). Por meio dessas diretrizes, é possível articular com o DCEPA, cujo princípio visa um capítulo que atenda o Ensino Médio Paraense, utilizando como referência as “nossas histórias, peculiaridades, culturas, entre tantos outros aspectos fundamentais que tornam o Pará, um Estado de muitas Amazôniaas” (PARÁ, 2021, p. 20).

Para atender essas concepções, é viável incentivar os estudantes a perceberem sua realidade enquanto um lugar de particularidades únicas. Essa perspectiva requer um olhar atento às características da região, demandando abordagens diferenciadas para compreender suas dinâmicas. Logo, convém ressaltar que:

É a partir da diversidade de identidades socioculturais de sujeitos amazônicos e suas ambiências, das experiências vivenciadas dentro e fora de suas localidades e, por meio de suas atuações diretas ou indiretas, que é formado o contexto cultural da questão da Educação Amazônica [...] (PEREIRA *et al.*, 2021, p. 2).

A vista dessas ponderações, esse currículo apresentado necessita estar imerso nos protagonistas dessa formação – os estudantes. Entretanto, para isso, é imprescindível que se articule com o espaço vivido por esses sujeitos. Ademais,

segundo a Secretaria de Estado de Educação do Estado do Pará (PARÁ, 2021, p. 44):

Outro ponto relevante para o debate entre identidade, memória e cultura, é o de provocar as juventudes amazônidas paraenses, para levá-las a reconhecer nossa formação pluriétnica orientada pelo princípio educacional paraense do respeito às diversas culturas amazônicas, principalmente dos grupos, dado que o paradigma tradicional os colocou em segundo plano (PARÁ, 2021, p. 21).

No entanto, falar à beira dos saberes que regem a Amazônia é evidenciar uma região repleta de mistérios regidas por lendas e contos, como gênero narrativo, oriundas de “acontecimentos estranhos, insólitas coincidências. Mas o passo seguinte é decisivo: produz-se um acontecimento que a razão não pode explicar” (TODOROV, 2006, p. 14). Nesse contexto, a exuberância majestosa da floresta e de seus elementos exercem grande influência na formação lendária dos povos amazônicos, originando lendas e contos como forma de explicação da realidade, pautada no respeito pela natureza (FONSECA, 2021). Diante desse contexto, “alegar que essas histórias não estabelecem relação com a realidade dos estudantes é um argumento que não se sustenta” (FONSECA, 2021, p. 297).

Ademais, essas narrativas estão presentes na formação da identidade cultural dos estudantes desde a infância e podem ser usadas como uma ferramenta eficaz no contexto escolar. Nesse âmbito, a proposta educativa da criação de lendas amazônicas pelos estudantes poderá sensibilizar acerca dos desafios ambientais, bem como fortalecer a identidade local ao incorporar elementos culturais da mitologia amazônica, valorizando os saberes tradicionais e incentivando a adoção de práticas de preservação ambiental?

Através desse questionamento, este estudo buscou investigar como a narrativa de lendas amazônicas pode promover a sensibilização ambiental, promovendo a valorização dos saberes locais e incentivando a adoção de práticas sustentáveis. Portanto, refletindo valores, crenças e experiências dos discentes ao propor construir lendas por meio de elementos mitológicos que cercam a cultura amazônica, bem como avaliar o papel destas para inibir o uso irresponsável dos recursos da floresta.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Médio localizada na Vila de Juaba, sede de um dos Distritos pertencentes ao município de Cametá/PA. Dessa maneira, participaram do estudo 60 (sessenta) estudantes da 1ª série do Ensino Médio, distribuídos entre os turnos da manhã e tarde. Em relação aos procedimentos metodológicos, apresenta caráter qualitativo, segundo as orientações de Robaina et al. (2021). A premissa dessa escolha se deve por considerar que a análise das narrativas não pode ser expressa em números. Ademais, configura-se como uma pesquisa de campo, pois pretende-se buscar as informações diretamente com a população pesquisada (GONSALVES, 2001).

Logo, metodologicamente, os estudantes foram apresentados ao módulo I – Um olhar para as tradições e as potencialidades amazônicas – do material pedagógico de Ciências da Natureza e suas Tecnologias dos Itinerários Amazônicos, intitulado “Bioeconomia em contextos socioambientais amazônicos”. Para isso, as

estratégias de ensino se basearam em rodas de conversa para compartilhamento de conhecimentos no que diz respeito aos arranjos produtivos na Amazônia, investigando acerca do seu atual modelo de desenvolvimentos e seus problemas socioambientais, além de discussões sobre o extrativismo e as cadeias produtivas sustentáveis. Nesse contexto, uma das prerrogativas dessa unidade é sensibilizar uma educação para a sustentabilidade (ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS, 2023).

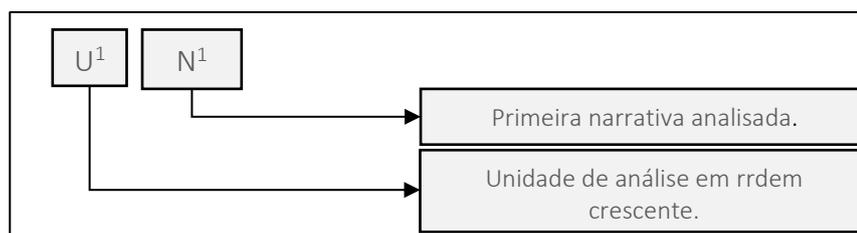
Posteriormente a essas demandas, os discentes foram organizados em grupos de seis integrantes e para coleta dos dados optou-se pela utilização de um questionário contendo o seguinte questionamento: *Considerando os aspectos ambientais, sociais e culturais da Região Amazônica, crie sua própria história ou lenda que aborde os impactos socioambientais do uso intensivo dos recursos da floresta, utilizando elementos da mitologia amazônica para ilustrar sua narrativa.* Em face à natureza desses dados recolhidos, a sua análise ocorreu por meio da “Análise Textual Discursiva - ATD” (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Para esse procedimento, as narrativas dos estudantes foram fragmentadas em unidades de significado (UES), ou seja, essa análise requer a desmontagem e separação do corpus das suas criações. Esse processo é denominado de “Unitarização”, na qual posteriormente são identificadas as categorias iniciais e finais, chamada de “Categorização” (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Embora sejam diferentes entre si, as UES, também chamadas de Unidades de Análise, podem ser agrupadas em torno de um título devido suas similaridades, bem como organizadas por cores para facilitar a identificação de seus elementos semelhantes. Esses processos permitem chegar ao metatexto, que representa a última etapa e comunica toda a análise realizada. Nesta pesquisa, ressalta-se que as categorias iniciais se classificam como *a priori* devido serem pré-determinadas antes da análise (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Portanto, os resultados oriundos das narrativas construídas pelos estudantes receberam um código (Figura 1, a seguir). Logo, por exemplo, **U<sup>1</sup>N<sup>1</sup>** significa primeira unidade de análise (U<sup>1</sup>), seguido da primeira narrativa analisada (N<sup>1</sup>).

**Figura 1** - Esquema de Codificação.



Fonte: Autores (2024).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando os pressupostos desta pesquisa, os estudantes realizaram a criação dos contos e lendas, as quais estão descritas em seu corpus literal no Quadro 1, a seguir. Posteriormente, será detalhado o processo da Análise Textual Discursiva.

**Quadro 1 -** Narrativas das equipes construídas sobre lendas amazônicas.

<p><b>Guardião da Floresta</b></p>	<p>Em um vilarejo no meio da floresta, existia um grupo de exploradores conhecidos em sua região por ajudar os moradores com alimentos, água e ajuda para fazer suas moradias, porém ao mesmo tempo que eles ajudavam os moradores eles prejudicavam a floresta. Bom, os exploradores não levaram a sério, continuaram sua exploração e suas caças até que uma noite o grupo estava fora da vila e quando voltaram, foi a pior cena que os exploradores já viram em suas vidas, um monstro coberto de eletricidade que jogava raios na vila. No entanto, o desmatamento e a caça continuavam com frequência, até que certo dia um velho ancião, que era considerado o pai de todos por ser o mais velho da vila, conhecido como o sábio ancião, chamou o grupo de exploradores para avisar que estava ocorrendo desequilíbrio na floresta e que havia um guardião, conhecido como Guardião da Floresta. O sábio disse que quando esse desequilíbrio acontece o guardião acordava, procurando vingança para recuperar sua floresta. Os caçadores se armaram e foram tentar acabar com o guardião e pensaram em uma estratégia, jogaram ganchos de ferro para segurá-lo e jogá-lo em um riacho próximo da vila. Eles conseguiram, mas não contavam que a água junto com a eletricidade fazia o guardião ficar mais forte. Foi então que todos os caçadores morreram e a vila foi completamente destruída e o Guardião voltou para a floresta e descansou sem ninguém incomodar.</p>
<p><b>A árvore protetora</b></p>	<p>Era uma vez uma árvore muito grande e bonita ela era a árvore mais velha da floresta e protegia todos os animais dos caçadores. A árvore não gostava que caçadores caçassem naquela região porque senão iriam matar os animais que ali viviam. Quando os caçadores iam caçar ela os assombrava pra que não matassem os animais e não voltassem mais lá naquela floresta. Muitos caçadores enlouqueciam por conta da árvore ter assombrado eles. Enquanto a árvore tivesse viva todos os animais estavam protegidos.</p>
<p><b>Tucuxi</b></p>	<p>Era uma vez, nas profundezas do Baixo Tocantins, um guardião místico conhecido como tucuxi. Tucuxi era um espírito ancestral que protegia a mata e todos os seres vivos que nela habitavam. Sua presença era sentida por aqueles que se aventuravam pela mata e sua sabedoria era transmitida de geração em geração. Diz a lenda que Tucuxi se manifestava em forma de uma cobra gigante, cujas escamas brilhavam como ouro à luz do sol. Ele era o guardião dos rios e das águas e sua presença era um lembrete constante da importância de preservar a floresta. Ao longo dos anos, Tucuxi escolhia indivíduos dignos para compartilhar sua sabedoria, capacitando-os a se tomarem defensores das matas do Baixo Tocantins. Esses protetores da mata eram inspirados pelo espírito do Tucuxi a lutar pela preservação da natureza e a promover a harmonia entre os seres humanos e o meio ambiente. A Lenda do Tucuxi se espalhou entre as comunidades ribeirinhas, inspirando-as a cuidar das matas do Baixo Tocantins com amor e respeito. E assim, o espírito de Tucuxi continuou a guiar aqueles que buscavam proteger a beleza e a vitalidade das matas.</p>
<p><b>Mãe da Fauna</b></p>	<p>No interior de uma cidade existe uma lenda chamada "mãe da fauna", que é uma entidade que segundo moradores protege os animais. Certo dia no cair da noite, um homem saiu para caçar em um dia "santo" em que não se pode caçar, mesmo assim ele foi. Chegando lá na floresta, ele começou a andar por lá a procura de algum animal, depois de trinta minutos andando avistou um animal bebendo água, se organizou para atirar e com a mão prestes a apertar o gatilho, um vento brilhante passou na sua frente, fazendo ele errar o tiro, quando se virou enxergou uma mulher. Suas roupas eram todas brancas, seu cabelo chegava a encostar no chão, seu rosto era brilhante como uma estrela. No mesmo momento o homem desmaiou. No dia seguinte seus parentes acharam estranho a demora do homem e foram atrás dele, algum tempo depois o encontraram jogado na beira de um igarapé e levaram ele de volta a casa. Duas horas depois o homem recuperou sua consciência e percebeu que tinha ficado cego. Essa é a lenda da "Mãe da Fauna" que deixa cego aqueles que ousam mexer com os animais.</p>
<p><b>O espírito de Lara</b></p>	<p>Era uma vez, uma menina que gostava muito de estar pela floresta observando os animais e as plantas. Ela costumava sair sozinha, teve um dia que ela resolveu ir a mata e lá aconteceu uma grande tragédia, tacaram fogo na floresta e ela foi tentar</p>

	<p>salvar um animal e nessa tentativa a garota acabou morrendo. Os seus pais não conseguiram aceitar sua morte e resolveram ir atrás de um bruxo que faria retornar a vida. Porém, isso somente seria possível se ela voltasse para proteger a floresta, então o bruxo fez o espírito de Lara retornar. Um certo dia, alguns homens foram para a floresta, eles queriam queimar uma parte da floresta para construir uma grande casa, Lara tentou impedir assustando os homens. Ela assobiava e fazia barulho nas árvores para afastar os homens de lá, para que não desmatassem a mata. O espírito de Lara finalmente conseguiu e ela sabia que se não fizesse algo, as pessoas poderiam prejudicar os animais e a floresta. Desde então, ninguém ousou desmatar nada naquele lugar.</p>
<p><b>A assombração da Vila</b></p>	<p>Em uma floresta muito antiga vivia uma comunidade onde contavam histórias sobre espíritos antigos que habitavam aquelas terras a anos. Esses espíritos mandavam na vila e faziam o povo viver em conformidade e a regra predominante era guardar e proteger o meio ambiente. A vila espalhava esses ocorridos para o mundo para se edificarem e preservarem a natureza, senão iriam atrás de quem fizesse tal mal. Certo dia, um grupo de pesquisadores decide explorar a região em busca de respostas científicas para tais fatos acontecerem, pois achavam que eram simplesmente acontecimentos da natureza. Conforme avançavam suas pesquisas, vão acontecendo fatos estranhos e assustadores. Certa noite, enquanto voltavam da caminhada pela floresta, uma forte chuva veio e acabou acontecendo um desabamento. Aflitos e presos, escutavam vozes, os dizendo para não machucar a floresta e para protegê-la. Assustados e perplexos com a voz, ouviram alguém da vila chegar e resgatá-los. Pedindo desculpas pela ignorância, voltaram. Após isso, avisaram a todos que os espíritos eram verdadeiros e que todos deveriam proteger o meio ambiente.</p>
<p><b>Guardiões da Harmonia</b></p>	<p>De acordo com os relatos transmitidos por anciãos de tribos indígenas, seres místicos eram os protetores dos segredos ocultos da floresta e responsáveis por manter o equilíbrio entre todas as formas de vida que habitavam na floresta. Dizia-se que, em momentos de desordem e desrespeito à natureza, os guardiões emergiam para restaurar a harmonia e punir aqueles que ameaçavam a integridade da floresta. Um jovem guerreiro chamado de Antonny, inspirado pelas histórias sobre os guardiões, sentiu o chamado para desvendar o mistério por trás da linda lenda. Em uma jornada repleta de perigos e desafios, Antonny adentrou na floresta em busca dos guardiões da harmonia. Após superar inúmeras provações ele encontrou-se diante dos seres místicos, cuja presença emanava paz e poder. Com respeito e reverência, Antonny aprendeu com os guardiões a importância de proteger a diversidade da floresta e a necessidade de preservar o equilíbrio entre todas as criaturas que nela habitam. Ao retornar à sua tribo, Antonny compartilhou as lições aprendidas e inspirou sua comunidade a viver em harmonia com a natureza.</p>
<p><b>Rainha da Natureza</b></p>	<p>A rainha da natureza é uma mulher muito conhecida por proteger a floresta e os animais que vivem por lá. Essa mata é conhecida como Amazônia. Certo dia a rainha viu homens cortando muitas árvores e queimando, por conta disso, apareceu e impediu. Por conta desse ato, ela enfeitiçou os homens e colocou-os para trabalhar na floresta e plantar açaizeiros, mangueiras, cajueiros e muitas outras árvores que cortaram. Depois de um tempo, se tocaram que realmente estavam errados e pediram desculpas para a rainha. A partir disso, juraram nunca mais fazer. A rainha então perdoou com uma condição, que também pudesse dar conselhos para outras pessoas não desmatarem a floresta.</p>
<p><b>O Guardião Verde</b></p>	<p>Era uma vez, no coração de uma floresta densa e antiga, uma entidade mágica conhecida como Arú, o Guardiã Verde. Arú era uma entidade feita de pura energia natural, com o corpo coberto por folhas e musgo, cujos olhos brilhavam como esmeraldas. A cada amanhecer, Arú percorria a floresta, certificando-se de que todas as plantas, animais e riachos estavam em harmonia. Ele ajudava as árvores a crescerem fortes e saudáveis, guiava os animais para fontes de alimento e água, e purificava os riachos para que todos pudessem beber da água cristalina. Um dia, um grupo de lenhadores entraram na floresta, com planos de derrubar as árvores para vender madeira. Eles começaram a cortar as árvores sem pensar nas consequências, perturbando a paz da floresta e assustando os animais. Arú sentindo o desequilíbrio, apareceu diante dos lenhadores em sua forma majestosa e resplandecente. "Por</p>

	<p>favor, Parem!" disse Arú com uma voz que soava como um sussurro. "Vocês estão destruindo o lar de muitos seres vivos. Esta floresta é antiga e sábia e precisa ser protegida?". Os lenhadores, inicialmente assustados, começaram a argumentar que precisavam da madeira para sustentar suas famílias. Arú, compreendendo suas necessidades, propôs um acordo. Ele ensinaria aos lenhadores formas de colher os recursos da floresta sem destruí-la, mostrando-lhes plantas que cresciam rapidamente e poderiam ser usadas para madeira e como plantas novas árvores para substituir as que fossem cortadas. Com o tempo, os moradores aprenderam a respeitar a floresta e trabalhar em harmonia com ela. Eles se tornaram os novos guardiões da floresta, ajudando Arú a proteger e preservar aquele tesouro natural. A floresta floresceu ainda mais e todos os seus habitantes, humanos e animais, viveram em paz e prosperidade. E assim, Arú, o Guardiã Verde, continuou sua vigília, assegurando que a floresta permanecesse um santuário de vida e beleza para as gerações futuras.</p>
<b>Divindades Opostas</b>	<p>A vários anos atrás, um nobre havia se mudado para Brasil e começou a habitar a região que hoje é o Estado do Pará. Ele era um fazendeiro muito rico e teve dois filhos que foram criados e educados de forma diferente. O Jovem Ravi amava a floresta e passava parte do seu tempo nela, Já Aiko, o outro irmão, fazia de tudo para destruir a floresta. Certo dia, Ravi estava sentado na beira do rio e então Aiko foi por trás e atirou nas suas costas, matando seu irmão. Após uma investigação, Aiko foi punido e morto. Depois de dez dias e dez noites, foi avistado duas luzes opostas, uma vermelha e outra branca. No dia seguinte, um lobo com olhos vermelhos e um gato com olhos cor de mel foram avistados. Assim, surge a lenda das divindades opostas, na qual uma protegia e cuidava da floresta impedindo a outra só queria destruir.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Após a condução da construção dos contos e lendas pelos discentes, os dados das narrativas coletadas foram analisadas pela Análise Textual Discursiva (ATD). Esse processo está descrito no Quadro 2, a seguir. Dessa forma, organizadas por meio de um título e cores que facilitam o processo de organização e categorização.

**Quadro 2** - Processo de Unitarização e Categorização do corpus das narrativas.

<b>CÓDIGO – Unidades Empíricas de Significado (UES)</b>	<b>Título das Unidades de análise</b>	<b>Categoria Inicial A priori</b>	<b>Categoria Final Emergente</b>
<b>U<sup>1</sup>N<sup>1</sup></b> – “Chamou o grupo de exploradores para avisar que estava ocorrendo desequilíbrio na floresta e que havia um guardião, conhecido como Guardiã da Floresta.”	<b>O proteger, o preservar e o punir</b>	<b>O imaginário juvenil na representação o dos saberes da cultura amazônica</b>	<b>A BEIRA DO JIRAU: AS HISTÓRIAS QUE ERAM CONTADAS AO FINAL DO DIA</b>
<b>U<sup>2</sup>N<sup>1</sup></b> – “O sábio disse que quando esse desequilíbrio acontece o guardião acordava, procurando vingança para recuperar sua floresta.”			
<b>U<sup>1</sup>N<sup>2</sup></b> – “A árvore mais velha da floresta e protegia todos os animais dos caçadores.”			
<b>U<sup>2</sup>N<sup>2</sup></b> – “A árvore não gostava que caçadores caçassem naquela região porque senão iriam matar os animais que ali viviam.”			
<b>U<sup>3</sup>N<sup>2</sup></b> – “Enquanto a árvore tivesse viva todos os animais estavam protegidos.”			

<b>CÓDIGO – Unidades Empíricas de Significado (UES)</b>	<b>Título das Unidades de análise</b>	<b>Categoria Inicial <i>A priori</i></b>	<b>Categoria Final Emergente</b>
<b>U<sup>1</sup>N<sup>3</sup></b> – “Tucuxi era um espírito ancestral que protegia a mata e todos os seres vivos que nela habitavam.”	<b>O proteger, o preservar e o punir</b>	<b>O imaginário juvenil na representação o dos saberes da cultura amazônica</b>	<b>A BEIRA DO JIRAU: AS HISTÓRIAS QUE ERAM CONTADAS AO FINAL DO DIA</b>
<b>U<sup>2</sup>N<sup>3</sup></b> – “Ele era o guardião dos rios e das águas e sua presença era um lembrete constante da importância de preservar a floresta”.			
<b>U<sup>3</sup>N<sup>3</sup></b> – “Lutar pela preservação da natureza e a promover a harmonia entre os seres humanos e o meio ambiente.”			
<b>U<sup>4</sup>N<sup>3</sup></b> – “Inspirando-as a cuidar das matas do Baixo Tocantins com amor e respeito.”			
<b>U<sup>5</sup>N<sup>3</sup></b> – “Guiar aqueles que buscavam proteger a beleza e a vitalidade das matas.”			
<b>U<sup>1</sup>N<sup>4</sup></b> – “Essa é a lenda da Mãe da Fauna que deixa cego aqueles que ousam mexer com os animais.”			
<b>U<sup>1</sup>N<sup>5</sup></b> – “Ela assobiava e fazia barulho nas árvores para afastar os homens de lá, para que não desmatassem.”			
<b>U<sup>2</sup>N<sup>5</sup></b> – “Sabia que se não fizesse algo, as pessoas poderiam prejudicar os animais e a floresta.”			
<b>U<sup>3</sup>N<sup>5</sup></b> – “Desde então, ninguém ousou desmatar nada naquele lugar.”			
<b>U<sup>1</sup>N<sup>6</sup></b> – “A regra predominante era guardar e proteger o meio ambiente.”			
<b>U<sup>2</sup>N<sup>6</sup></b> – “Para se edificarem e preservarem a natureza, senão iriam atrás de quem fizesse tal mal.”			
<b>U<sup>3</sup>N<sup>6</sup></b> – “Não machucar a floresta e para protegê-la.”			
<b>U<sup>1</sup>N<sup>7</sup></b> – “Momentos de desordem e desrespeito à natureza, os guardiões emergiam para restaurar a harmonia.”			
<b>U<sup>2</sup>N<sup>7</sup></b> – “Punir aqueles que ameaçavam a integridade da floresta.”			
<b>U<sup>3</sup>N<sup>7</sup></b> – “Necessidade de preservar o equilíbrio entre todas as criaturas.”			
<b>U<sup>1</sup>N<sup>8</sup></b> – “Proteger a floresta e os animais.”			
<b>U<sup>1</sup>N<sup>9</sup></b> – “Percorria a floresta, certificando-se de que todas as plantas, animais e riachos estavam em harmonia.”			
<b>U<sup>2</sup>N<sup>9</sup></b> – “Respeitar a floresta e trabalhar em harmonia.”			

CÓDIGO – Unidades Empíricas de Significado (UES)	Título das Unidades de análise	Categoria Inicial <i>A priori</i>	Categoria Final Emergente
U <sup>3</sup> N <sup>9</sup> – “Assegurando que a floresta permanecesse um santuário de vida e beleza para as gerações futuras.”			
U <sup>1</sup> N <sup>10</sup> – “Divindades opostas, na qual uma protegia e cuidava da floresta impedindo a outra só queria destruir.”			

Fonte: Os autores (2024).

### A BEIRA DO JIRAU: AS HISTÓRIAS QUE ERAM CONTADAS AO FINAL DO DIA

Mediante a análise dos contos, é necessário evidenciar o contexto ambiental, visto que a sociedade brasileira se desenvolveu sem considerar as consequências da exploração dos recursos naturais. Assim, embora as medidas de proteção não sejam recentes, a política brasileira se propagou em resposta às pressões globais e cresceu sob influência dos movimentos internacionais que se intensificaram em todo mundo na metade do século XX (STEVANATO; COLAVITE; PAROLIN; 2022).

Contudo, as legislações ambientais, também servem como mecanismos punitivos, reforçando a responsabilização, porém são fortemente influenciadas por interesses econômicos e políticos. Desse modo, não se trata apenas de “punir”, mas também de proteger e preservar. Logo, a consciência ambiental desempenha um papel crucial nesse processo, pois “não se pode lutar por aquilo que não se conhece, não se pode defender aquilo que não se acredita” (STEVANATO; COLAVITE; PAROLIN, 2022, p. 21). Nesse ínterim, por meio de um povo consciente que será viável a melhoria das legislações.

Essa associação entre “o proteger, o preservar e o punir” é perceptível na análise dos contos criados pelos estudantes. De acordo com Lira e Chaves (2016), as diferentes formas de ver o mundo são derivados do patrimônio cultural de uma determinada sociedade. Diante disso, ao analisar as comunidades amazônicas, estas possuem um sistema cultural que não dissocia o homem da natureza, refletindo em um manejo consciente do ambiente.

Ademais, a metáfora do metatexto emergiu a partir dos contos produzidos pelos alunos. Seu significado se dá em virtude de que nas áreas ribeirinhas do município de Cametá, a maioria das casas tem uma área na frente da casa que as pessoas chamam de “jirau”, cujo local as embarcações dos moradores são atracadas e onde os pais contavam as histórias de mitos e lendas para os seus filhos. Ao imaginar esse cenário proposto, a casa onde tinha o “jirau”, é importante mencionar também que a frente dela tem o rio e por traz a floresta, o cenário perfeito para o desenrolar de histórias de mitos e lendas da região amazônica que eram passadas de pais para filhos.

Ao analisar os contos criados pelos educandos, percebemos a semelhança e até mesmo traços das histórias que eles ouviram de seus pais. O sol ia se pondo, a noite vinha chegando, a falta de energia elétrica, de eletrodomésticos como televisão que muitas áreas ribeirinhas ainda não possuem acesso, era o cenário ideal para que esses contos tomassem lugar.

Em uma narrativa onde sempre os atores mitológicos são seres que, no contexto das matas, das águas e das florestas, sempre agem no sentido de

proteger a biodiversidade, os alunos já cresceram com essa perspectiva do cuidado que devem ter com a natureza e o respeito com os seres que dela provém, caso contrário, esses “guardiões” protegeriam as matas, como podemos observar em trechos do conto o “guardião da floresta”, na qual destaca-se que caso acontecesse um desequilíbrio nas matas, “o guardião acordava, procurando vingança para recuperar sua floresta”.

Diante disso, o que se revela é que a metáfora não apenas encapsula um cenário cultural e geográfico de comunidades ribeirinhas, mas também ilumina como as tradições orais e a sabedoria ancestral influenciam a percepção e a resposta dos alunos, por meio dos contos que criaram, a respeito dos desafios ambientais contemporâneos. Sob tal ótica, o saber tradicional se interrelacionam em esfera cognitiva com o saber científico, haja vista que ambos são fundamentados na capacidade de observar e interpretar o mundo ao nosso redor. Nesse viés, há tantas realidades diferentes, mas igualmente legítimas, pois “nós explicamos nossas experiências com nossas experiências e com as coerências de nossas experiências” (MATURANA, 2001, p. 192). Logo, as histórias que eram contadas ao final do dia na beira do jirau, nos convidam a reviver as tradições, baseadas em um ritual de transmissão de sabedoria e valores de respeito à floresta.

Ao pedir que os alunos criassem contos sobre seres que protegem as florestas, estávamos buscando reviver e reinterpretar as tradições. Assim, os contos criados por eles são um reflexo direto das histórias que seus pais e avós lhes contaram, mostrando como a narrativa ancestral continua a moldar a visão das novas gerações sobre a preservação ambiental. Essas histórias se tornam uma ponte entre o passado e o presente, conectando a sabedoria antiga com a necessidade urgente de enfrentar questões modernas como o desmatamento, poluição, queimadas etc.

Concordamos com Costa (2001, p. 36) quando afirma que é “pelo distanciamento reflexivo frente ao cotidiano, que o homem o compreende e analisa”, ou seja, ao construir seus próprios contos, os alunos puderam se perceber como agentes sociais capazes de refletir o contexto em que vive de uma forma mais pragmática, se entendendo não como alguém que apenas vive no ambiente, mas como alguém que é parte dele.

Sob esse viés, os contos produzidos pelos alunos revelam uma profunda conexão com o ambiente natural e uma compreensão intuitiva dos desafios enfrentados pelas florestas. Esses seres protetores, criados pelos alunos, a saber: guardião da floresta; árvore protetora; tucuxi; mãe da fauna; o espírito de Lara; a assombração da vila; guardiões da harmonia; o guardião verde; rainha da natureza e divindades opostas, surgem em cenários de proteção ambiental.

À vista disso, ao abordar a questão ambiental através dos contos, fomentamos um cenário de protagonismo para os educandos, visto que puderam soltar à sua imaginação. Logo, os olhares que eles destacaram através das histórias que criaram, revela a sua percepção sobre o meio ambiente e como que a mãe natureza pode se proteger das agressões humanas. Sendo assim, a mitologia amazônica é rica de histórias, contos e lendas que se entrelaçam com o cotidiano das populações locais. Criaturas como o “boto”, “mãe d’água”, “matinta pereira”, contos que envolvem o rio e a floresta, são contadas ao longo do tempo por meio

de narrativas míticas que têm origem nos povos indígenas e nas comunidades tradicionais na Amazônia.

Outro ponto fundamental é que, ao produzirem seus próprios contos, os discentes se tornam agentes ativos no processo de aprendizagem. Eles não apenas absorvem informações, mas também criam, interpretam e recriam histórias, aplicando conceitos científicos de maneira criativa. Compreendemos que esse exercício de criação estimula o pensamento e a autonomia intelectual. Nesse contexto, a produção dos contos permite que os alunos dialoguem com sua própria cultura e criem uma relação mais próxima e significativa com o conteúdo científico.

Ao usar a metáfora à beira do jirau, entendemos a importância dos valores que os alunos já trazem de casa, por meio das histórias que ouviam de seus antepassados, ao criar narrativas mitológicas que envolve a proteção e cuidado ambiental, percebemos que se preocupam com o ambiente onde vivem o que se configurou como uma forma de valorizar a cultura local, o desenvolvimento do senso científico e o estímulo da criatividade. Portanto, essa prática se destaca como um caminho promissor para a formação de jovens conscientes, críticos e conectados com seu meio, tanto do ponto de vista cultural, quanto do ponto de vista ambiental.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tudo aqui exposto, para os alunos que são do Estado do Pará, em que a Amazônia é parte integrante da vida e da identidade, essa abordagem pedagógica promoveu autoestima e pertencimento. Ao verem seus valores culturais refletidos no ambiente escolar, eles podem se reconhecer como sujeitos de conhecimento e não apenas como receptores de saberes externos.

Portanto, ao trazer essa proposta para a sala de aula, pretende-se proporcionar aos educandos uma ponte entre o saber científico e o saber popular, permitindo que eles vejam suas realidades representadas nas matrizes curriculares. Entendemos que ensinar ciências através dessa abordagem permite que os professores consigam contextualizar conceitos científicos a partir dos mitos e, embora os fenômenos naturais possam ser interpretados de formas distintas, há uma lógica científica que complementa e enriquece essas narrativas, pois a objetividade científica não exime a mente humana, uma vez que ambos são domínios da experiência de um observador em relação à natureza e aos fenômenos ao seu redor. Desse modo, essa conexão é evidente nas narrativas dos estudantes, que refletem sua relação com o meio ambiente e a relevância da preservação. Esperamos que esta proposta forneça subsídios teóricos para que os professores possam desenvolver perspectivas metodológicas que dialoguem com a sociodiversidade dos sujeitos amazônicos, além de formar cidadãos comprometidos com um futuro mais sustentável.

# Students' narratives from the Amazon on environmental protection: between legends and enchantments

## ABSTRACT

The presented study aimed to investigate how the narrative of Amazonian legends can promote environmental awareness, foster appreciation for local knowledge, and encourage the adoption of sustainable practices. Methodologically, the research was conducted at a high school in the municipality of Cametá-PA, employing a qualitative approach through a questionnaire with a guiding question to students in creating their stories. The results of the analysis were examined using Moraes and Galiazzi's Discursive Textual Analysis (DTA) (2006), being expressed through a metaphor. It was concluded that addressing environmental issues with students through the tales they created proves to be an innovative teaching method and a pedagogical strategy capable of fostering cultural revival, the connections and a sense of belonging to their territory, as well as developing scientific and creative skills.

**KEYWORDS:** Cultural identity. Sustainability. Environmental Protection.

## NOTAS

Ao tecer o termo “múltiplas amazônias”, enfatiza-se que o Estado do Pará apresenta uma variedade de contextos sociais, culturais e amazônicos, a qual inclui comunidades ribeirinhas, indígenas, urbanas e rurais. Essa pluralidade está presente na formação escolarizada, pois os alunos trazem diferentes experiências e perspectivas para a sala de aula, oriundas de suas próprias tradições, modos de vida e desafios.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Vandressa Caldas Amorim - Conceitualização, Análise dos dados e Redação do artigo.

Rodrigo Almeida Pacheco - Análise dos dados e Redação do artigo.

Luely Oliveira da Silva - Orientação e Revisão final do texto.

Valéria Caldas Amorim - Análise dos dados e Formatação do texto.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2017.

COSTA, L. C. A estrutura da vida cotidiana: uma abordagem através do pensamento lukacsiano. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p.33-57, 2001.

FONSECA, T. B. O gênero textual lendas amazônicas no âmbito escolar: caminhos para a formação da identidade cultural e Ressignificação da cultura. **ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 16, p. 294-310, jun. 2021.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS: Ciências da Natureza e suas Tecnologias. [S. L.]: Instituto Iungo; Instituto Reúna; Uma Concertação Pela Amazônia, 2023. Disponível em: <https://itinerariosamazonicos.org.br/wp-content/uploads/2023/05/CNT-UC-completa-Bioeconomia-em-contextos-socioambientais-amazonicos.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2024.

LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2001.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise Textual Discursiva: Processo Reconstutivo De Múltiplas Faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

PEREIRA, L. B. A educação como prática de cultura na Amazônia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e46010313605, 2021.

ROBAINA, J. V. L. *et al.* (Org.). **Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa em educação**. Curitiba, PR: Bagai, 2021. (Ciências – v. 1).

PARÁ. Secretaria de Estado de Educação do Pará. **Documento Curricular do Estado do Pará – Etapa Ensino Médio: volume II**. Belém, PA: SEDUC-PA, 2021.

STEVANATO, M.; COLAVITE, A. P.; PAROLIN, M. Proteção das florestas do Brasil – Contexto histórico e atual da Política Pública Ambiental Brasileira. **Rev. Geo. UEG**, v. 11, n. 2, p. 1-26, 2022.

TODOROV, T. **As estruturas das narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.

**Recebido:** 10 outubro 2024.

**Aprovado:** 01 novembro 2024.

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.3895/etr.v8n3.19408>.

**Como citar:**

AMORIM, V. C.; PACHECO, R. A.; SILVA, L. O. da; AMORIM, V. C. Narrativas de estudantes da Amazônia sobre proteção ambiental: entre lendas e encantos. **Ens. Technol. R.**, Londrina, v. 8, n. 3, p. 161-174, set./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/19408>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Vandressa Caldas Amorim

Rodovia Augusto Montenegro, Km 03, s/n, Mangueirão. Belém, Pará, Brasil.

**Direito autoral:**

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

